

A MÚSICA NA EDUCAÇÃO: A CRÍTICA SOCIAL NAS LETRAS DE CHICO BUARQUE

Maite Di Risio Martinez Gobbi*

O trabalho em pauta faz parte de uma pesquisa, ainda em fase inicial, para o projeto de dissertação de Mestrado Acadêmico, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a orientação da Professora Dra. Rosangela Patriota Ramos.

Unindo as temáticas “educação” e “música” e considerando-se a importância desta na aprendizagem, serão abordadas questões voltadas para a crítica social nas letras de Chico Buarque, por meio de uma análise do texto, desde a interpretação até aspectos mais específicos, como elementos narrativos, a intencionalidade do eu lírico, comparações entre épocas distintas, evidenciando a aplicação da temática à contemporaneidade, qual o legado dessa produção poética e seus mais variados desdobramentos.

O objetivo central do projeto é a investigação da produção literária do compositor e cantor Chico Buarque, com enfoque na crítica social. Com uma temática ampla e peculiaridades interessantes, a obra desse ícone da música popular brasileira perpassa épocas, cenários políticos, aspectos sociais e mantém-se presente nos dias de hoje. Suas produções agregam valores culturais e históricos que muito podem ser explorados nas diversas metodologias da sala de aula. Neste estudo, apresentar-se-á a obra “Construção”, promovendo uma interpretação do texto, a partir do universo poético e musical.

É possível, por meio da música, despertar o interesse pela interpretação de textos? De que forma, o universo musical pode despertar a reflexão acerca dos problemas sociais? Quais impactos e/ou mudanças na sociedade atual essa reflexão é capaz de promover?

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGEAHC/CEFT/UPM).

“A canção popular da década de 60 e 70 tem um caráter circunstancial, assumindo muitas vezes uma dimensão quase jornalística, passando a refletir diretamente os acontecimentos do dia a dia. A canção popular torna-se veículo de comunicação que diz o que os canais competentes não podiam dizer.” (CAVALCANTI, 2007, p. 4)

A música sempre teve um papel importante, servindo como um instrumento de denúncia social da época. Chico Buarque foi considerado, durante o Regime Militar, um artista que se caracterizou, ao longo de seu percurso criativo, como compositor cujas letras das canções tão bem reproduziram as angústias, as pressões, as mazelas e as misérias sociais e políticas dos sujeitos em sua cultura, em especial os que sofreram essas exclusões pelo poder então instaurado.

A interpretação de um texto está intrinsecamente ligada à capacidade leitora. Trabalhar a interpretação de texto de forma atraente e motivadora é compromisso de todos os educadores e uma das formas de promover o interesse pela leitura e pela análise/interpretação de um texto pode ser propiciada pelo universo musical. A fim de desenvolver habilidades e competências essenciais integradas ao campo de leitura e interpretação, a pesquisa explora obras de Chico Buarque, levando o aluno a construir sentidos, dentro da perspectiva de uma aprendizagem significativa.

Nascido no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, Chico Buarque é conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira. Sempre fez questão de ser ele mesmo. Nunca criou personagem e sempre se vestiu de seu perfeccionismo e isenção de rótulos. Possuidor de uma bagagem intelectual inversamente proporcional ao estrelismo, confessou, em várias entrevistas, que a paixão está no ato de criar. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos, entre eles discos-solo, em parceria com outros músicos e compactos. Além de músico, destacou-se como dramaturgo e escritor. Aos 18 anos, escreveu seu primeiro conto, ganhando destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música “A Banda”. O que se evidencia no artista, além de sua humildade, é a capacidade de criar de forma ímpar, como pode ser constatado no depoimento de Francis Hime:

“Chico nunca mostrou as letras antes de elas ficarem prontas, mas sempre aceitou bem a opinião dos parceiros. ‘Como parceiro, o que mais me chama a atenção nele’, diz Francis, ‘é sua musicalidade, a capacidade que tem de traduzir para a letra o que aquela música está dizendo. Tem uma habilidade incomparável. Ele é um artesão que encontra a tradução literária para a música’.” (ZAPPA, 2004: 74).

Autoexilou-se na Itália, em 1969, devido à crescente repressão do regime militar do Brasil, tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta

pela democratização no país. Em 1971, foi lançada “Construção”, música considerada pela crítica um de seus melhores trabalhos, e em 1976, “Meus Caros Amigos” - ambos os discos figuram na lista dos 100 maiores discos da música brasileira, organizada pela revista Rolling Stone Brasil. Em seu repertório, também ganharam visibilidade músicas como “Apesar de você” e “Cálice”, proibidas pela censura brasileira. Adotou o pseudônimo de Julinho da Adelaide, com o qual compôs apenas três canções: “Milagre Brasileiro”, “Acorda amor” e “Jorge Maravilha”. Muitas de suas canções denunciavam aspectos sociais, econômicos e culturais, como a célebre “Construção” ou a divertida “Partido Alto”.

Neste estudo, pretende-se apresentar a obra “Construção”, promovendo uma interpretação do texto, a partir do universo poético e musical.

“Chico se vincula a uma vertente do samba mais tradicional, inserindo neste um trabalho poético minucioso, com composições extremamente bem elaboradas poética e musicalmente. Ele se relaciona com a tradição literária brasileira, mantendo um diálogo frutífero com a literatura, seja com a utilização de recursos estilísticos comumente pertencentes ao discurso poético para construir suas canções, como também na sua criação teatral ou como romancista. Nesse diálogo que Chico mantém até hoje com a literatura podemos notar o extremo cuidado, o apuro técnico, o trabalho poético minucioso que o compositor desenvolve para elaborar suas composições.” (CAVALCANTI, 2007, p. 4-5).

Engajado na composição de letras com forte caráter social, a presença dos desvalidos nas obras de Chico Buarque é muito evidente. Assim, retira-se do cotidiano a linguagem poética, traduzida na reflexão acerca dessa temática, por meio de uma linguagem popular. Composta em 1971, a letra da música “Construção” ocupou primeiro lugar da lista de melhores músicas brasileiras da revista Rolling Stone. Sob um foco narrativo em 3ª pessoa, apresenta os elementos da narrativa literária, como personagens, lugar, tempo e espaço: “Amou daquela vez como se fosse a última / Beijou sua mulher como se fosse a última, / E cada filho seu como se fosse o único”. O eu lírico atua como se fosse um observador dos fatos, parecendo ter uma visão completa da história, caracterizando-se, assim, como um narrador onisciente. Em se tratando de personagens, verifica-se que a música “Construção” relata o cotidiano sofrido de um homem simples, trabalhador, sendo esse pedreiro o protagonista. Contudo, pode-se também dizer que aparecem, como personagens secundários não nomeados, sua mulher e os filhos.

Considerando-se o tempo como um dos elementos analisados na narrativa, é possível constatar um tempo cronológico, isto é, quando a ordem natural dos fatos é mantida no decorrer da história. Na música “Construção”, a narrativa toda acontece praticamente em um sábado: “Morreu na contramão atrapalhando o sábado.”

Outro elemento importante na narrativa é o espaço onde ocorrem os fatos relatados. Este pode corresponder ao lugar físico (ou geográfico), o lugar onde acontecem os fatos que envolvem as personagens: uma casa, uma praça, entre outros, ou social (ambiente), que é o espaço relativo às condições socioeconômicas, morais e psicológicas que dizem respeito às personagens. O ambiente possibilita situar as personagens na época, no grupo social e nas condições em que se passa a história, projetando os conflitos vividos por elas. Podem ser citados como exemplo: “E se acabou no chão feito um pacote flácido / Agonizou no meio do passeio público / Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.”, além do lar do pedreiro, pois é lá que a história tem seu início.

Verifica-se, ao analisar o enredo, que o personagem passa por diversos momentos ao longo da música. Na primeira parte, ele vive o cotidiano com sua família, como se aqueles momentos fossem os últimos, valorizando pequenos gestos. Já no trabalho, ele é comparado a uma máquina; depois come feijão e arroz como um príncipe, bebe, dança e gargalha, porém os prazeres são interrompidos quando ele tropeça e cai. Nessa hora, fica evidente a desumanização do trabalhador. Ao cair, as pessoas que estão embaixo não se sensibilizam com a tragédia humana. O pedreiro, já morto, simplesmente atrapalha o tráfego. A tragédia é transformada em problema para uma sociedade caótica, onde as pessoas, muitas vezes, não se compadecem com a dor do próximo. O enredo é todo construído em cima do cotidiano do pedreiro, seus hábitos, como age no trabalho (“Ergueu no patamar quatro paredes sólidas”), a hora do descanso (“Sentou pra descansar como se fosse sábado”); o que come (“Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe”); suas características físicas: passo tímido, olhos embotados de cimento e lágrimas até a queda fatal (“E se acabou no chão feito um pacote flácido”). No momento em que o trabalhador morre em serviço (“Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”), faz-se uma crítica social acerca da alienação do trabalho, já que o operário é visto como máquina, desconsiderando-se suas peculiaridades humanas. A morte no ambiente de trabalho não se caracteriza como uma tragédia, mas como um problema, um empecilho, revelando, assim, a desumanização do trabalhador (“Morreu na contramão atrapalhando o público / Morreu na contramão atrapalhando o sábado”).

A letra de “Construção” foi escrita em formato de poesia: são 17 versos nas duas primeiras partes. A segunda parte da música repete exatamente a mesma estrutura da primeira, alterando apenas as últimas palavras de cada verso. Apesar de a mudança parecer pequena, o sentido apresenta diferenças significativas:

1ª parte: "Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego."

2ª parte: "Amou daquela vez como se fosse o último

Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio naufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público."

Já na terceira parte são 7 versos. Novamente aqui os versos são repetidos, porém as palavras finais desses 7 versos são trocadas de uma nova maneira:

3ª parte: "Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado."

Além da métrica incomparável (versos alexandrinos, 12 sílabas poéticas), Chico cria um jogo de palavras que trocam de lugar e vão se encaixando em novas posições, enquanto o cantor repete, três vezes, a mesma história sem estampar, propositalmente, sensibilidade pelo fato - morreu na contramão atrapalhando o tráfego, o público, o sábado. A vida do trabalhador é insignificante, sua morte é indigna de atenção. Construção dói, assusta e revolta. Consta-se, em

um contexto gramatical, que a última palavra de todas as frases da música é proparoxítona, fator que dá à melodia um mesmo ritmo. A composição, dessa forma, assemelha-se a uma “construção”, trazendo um aspecto mecânico à música vinculado à crítica que ela apresenta. Por fim, Chico termina “Construção” com três estrofes emprestadas de outra música, “Deus Lhe Pague”. Essa mudança de voz traz o impacto no final, uma vez que inserir outra música ao final é uma forma de cortar o ritmo, pois, nesse contexto, a segunda música parece entrar como uma resposta do trabalhador que acabou de morrer a quem o culpou por atrapalhar o sábado. “Construção” é um apelo à realidade, uma visão de quem está inconformado com a vida rotineira. Nesse momento, o personagem assume a primeira pessoa:

*“Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague.”*

A melodia, sofisticada e ao mesmo tempo simples, traz sons que remetem a um clima dramático, já que no final uma orquestra entra com a música “Deus lhe pague” de maneira enfática. Existe um sentimento de angústia, como se houvesse uma perda de voz, em analogia ao que ocorre com o personagem, cuja vida se perde tão sem sentido.

A música tece uma reflexão acerca do lugar do trabalhador urbano dentro da sociedade, “desconstruindo” seu papel e sua importância diante das desigualdades sociais. Como foi escrita no retorno de Chico Buarque da Itália para o Brasil, depois de um autoexílio pelos anos de repressão na ditadura militar, vivia-se aqui uma fase de indagações a movimentos sociais e a posicionamentos políticos. Dessa forma, Chico Buarque, como sempre lhe foi pertinente, interagiu com o momento histórico e trouxe à arte temas políticos.

“Construção é um exemplo de texto no qual o ritmo, a sonoridade e a própria materialidade da palavra são magistralmente celebrados, de modo a criar uma imagem poética muito bem delineada. [...] Construção tece uma crítica à sociedade capitalista que prioriza o sistema e a máquina em detrimento do individual e do humano. Para criar esse efeito, utiliza-se das mais belas e inusitadas imagens poéticas, engendrando uma isotopia figurativa que causa no leitor o efeito pretendido. A letra de canção vai do particular ao universal. Retrata o dia de um indivíduo que sai para trabalhar numa construção, tropeça do alto do edifício, cai no asfalto e morre, atrapalhando o tráfego, o público e o sábado. A temática da

letra de canção é a (des)construção da vida moderna. Eis a ironia do título.”
(MAGALHÃES, 2009, p. 2-3).

Conclui-se que, por meio da sensibilidade que a música desperta, exploram-se as temáticas, que podem ser excelentes recursos para a interpretação textual, favorecendo a aprendizagem significativa e ampliando conhecimentos e visões de mundo.

Por meio dos processos de construção das letras das músicas de Chico Buarque, estudando os contextos de produção, as temáticas abordadas e os elementos narrativos presentes nas composições, chega-se a uma reflexão sobre os problemas sociais.

Trabalhar com as competências leitoras também é alvo da pesquisa, uma vez que são priorizadas na BNCC, sendo fundamental esse estudo para a compreensão da importância da leitura na interpretação textual. Expandir o repertório de análise textual em busca de conhecimentos, assim como pesquisar e explorar noções históricas e contemporâneas são aspectos fundamentais da pesquisa.

Com um ritmo de samba, pode-se definir a música ‘Construção’ como mágica. Mais do que um universo poético, há o desenvolvimento de uma ficção, de uma história cotidiana que representa tantos trabalhadores desvalorizados. Sua temática voltada ao contexto social propicia uma reflexão sobre o momento em que foi composta e revela-se, ao mesmo tempo, atemporal, dada a crítica social que ela apresenta. Artistas como Chico Buarque de Hollanda, músico e escritor, conseguem transformar suas músicas em legado para o patrimônio cultural.

Referências

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. *Música popular brasileira e poesia: a valorização do “pequeno” em Chico Buarque e Manuel Bandeira*. Belém: Paka-Tatu, 2007.

HOMEM, Wagner. *Histórias de Canções: Chico Buarque - 1964/1976*. São Paulo: Editora Leya, 2009.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MAGALHÃES, Marcela Ulhôa Borges. A problemática do feminino na lírica de Chico Buarque. *Anais do SILEL*, v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt10_artigo_3.pdf Acesso em out. 2022.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho Mágico: Poesia e Política em Chico Buarque*. São Paulo: Hucitec, 1982.

MINOTTO, Lilian Rejane da Costa. *Narrativa literária e linguística textual da canção “Construção” de Chico Buarque - um enfoque no discurso implícito*. Passo Fundo: UFBA, 2019
<https://bit.ly/3hiytLW> . Disponível em: Acesso em out. 2022.

PEREIRA, Moema Sarrapio. *Construção, de Chico Buarque: a (outra) história cantada*. Cad. Nietzsche 38 (1). Jan.- abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3sFiyJv>. Acesso em out. 2022.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *A poética de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Editora Sophos, 1974.

SILVA, Fernando de Barros. *Chico Buarque na Coleção Folha explica*. São Paulo: Publifolha, 2004.

ZAPPA, Regina. *Chico Buarque para todos*. Coleção Perfis do Rio. 6ª edição. Rio de Janeiro: 2004. Relume Dumará.

